

LA BELLE ET LA BÊTE, DE MME LEPRINCE DE BEAUMONT, EM TRÊS
TRADUÇÕES BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

LA BELLE ET LA BÊTE, BY MME LEPRINCE DE BEAUMONT, IN THREE
BRAZILIAN CONTEMPORARY TRANSLATIONS

LA BELLE ET LA BÊTE, PAR MME LEPRINCE DE BEAUMONT, EN TROIS
TRADUCTIONS BRÉSILIENNES CONTEMPORAINES



Aída Carla Rangel Sousa¹
Doutoranda em Estudos da Tradução
(PGET – UFSC – Florianópolis – Brasil)
aidacarlarangel@gmail.com

9

Resumo: A escritora francesa Mme Leprince de Beaumont viveu parte de sua vida em Londres como tutora de jovens da aristocracia inglesa, onde sua obra *Magasin des Enfants* (1757) foi publicada. Essa coletânea inclui um dos contos mais conhecidos de todos os tempos, *La Belle et la Bête*, e constitui um marco para a literatura infanto-juvenil. Trata-se de uma adaptação didática e moralizante para o universo infantil do conto de Mme de Villeneuve, de título homônimo, publicado 17 anos antes e voltado ao público adulto. Este artigo propõe análise de três traduções brasileiras contemporâneas do conto de 1757, direcionadas ao público infanto-juvenil.

Palavras-chave: contos, tradução literária, literatura francesa do século XVIII

Abstract: *The French writer Mme Leprince de Beaumont lived part of her life tutoring young noble ladies in London, where her collection Magasin des Enfants (1757) was published. It includes one of the most known fairy tales of all times, La Belle et la Bête, which represents a milestone in children's literature. It turns out to be a didactic and a moralistic shorter version for young readers of Mme de Villeneuve's fairy tale for adults written 17 years earlier. This article proposes an analysis of three contemporary Brazilian translations for young readers of Leprince de Beaumont's fairy tale.*

Key words: *fairy tales, literary translation, Eighteenth century French literature.*

Résumé : *Mme Leprince de Beaumont, femme de lettres française, a vécu une partie de sa vie à Londres en tant qu'institutrice de jeunes filles de l'aristocratie anglaise, où elle a fait publier le Magasin des Enfants (1757). Cet ouvrage contient l'un des contes les plus connus au monde, La Belle et la Bête, lequel est devenu un jalon pour la littérature de jeunesse. Il s'agit d'une adaptation didactique et moralisatrice pour le jeune public du conte de Mme de Villeneuve, de titre homonyme, publié 17 ans plus tôt pour un public adulte. Cet article propose une analyse de trois traductions brésiliennes contemporaines du conte de 1757 dirigées au public de jeunesse.*

Mots-clé : *contes, traduction littéraire, littérature française du XVIIIème siècle*

Le *Magasin des Enfants* (1757²), de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, reúne quatorze contos de fadas, dentre os quais *La Belle et la Bête*, o mais conhecido deles. Embora seja considerada um marco da literatura infanto-juvenil, a obra não se limita

aos contos somente. Isso explica o curioso termo *magasin* do início do título. Segundo o registro no dicionário da Academia Francesa³, esse termo refere-se a uma obra publicada periodicamente ou a uma coleção de vulgarização tratando de grande variedade de assuntos. Antes *magasin* referia-se a um depósito de mercadorias ou munições. No sentido figurado, passou a designar a ideia de depósito ou coleção de informações. Tal é o formato do *Magasin*: trata-se de uma obra de caráter pedagógico que, além de apresentar contos, intercala lições sobre assuntos diversos como religião, história, geografia e mitologia, o todo permeado de instruções de ordem moral e de conduta social para as crianças, particularmente aquelas do gênero feminino⁴. Considerando a época em que é publicada, a referida obra de Leprince de Beaumont inova, portanto, em pelo menos dois aspectos: o formato de publicação e o público ao qual se destina. Seguindo esse modelo, Leprince de Beaumont publica mais duas obras visando públicos distintos: *Le Magasin des adolescentes* (1760) e *Le Magasin des pauvres, artisans, domestiques et gens de campagne* (1768)⁵, além de alguns romances e diversos escritos que não tiveram o mesmo reconhecimento. Sua obra completa soma cerca de 70 volumes e continua praticamente desconhecida do público brasileiro.

10

Importa ressaltar que a autora desempenha um papel incomum para a época, por viver de seus escritos e ser uma das autoras mais lidas do século 18, período que permanece conhecido mais pelas obras de escritores masculinos e ideais dos filósofos iluministas.

La Belle et la Bête é publicado em Londres, onde Mme Leprince de Beaumont exerce a função de governanta no meio aristocrático. E, embora não faça menção ao conto-romance de título homônimo, escrito por sua contemporânea Mme de Villeneuve em 1740⁶, a autora promove uma adaptação para torná-lo um conto adequado ao público que escolheu. Atenta à lacuna de obras exclusivamente pensadas para esse público – o aparecimento do gênero infanto-juvenil coincide com a evolução da própria noção de infância, objeto de reflexão filosófica a partir do século 18 – Leprince de Beaumont apresenta um projeto que extrapola a literatura. Como pedagoga, ela deseja instruir de maneira ampla, em língua francesa, as nobres jovens inglesas e o conto serve também ao seu propósito pedagógico. No quadro narrativo que emoldura o conto, a governanta Mlle Bonne é a narradora-personagem e dialoga com suas seis pupilas, de cinco a doze anos. Isso afeta de sobremaneira o modo como a autora escolhe narrar o conto, mantendo um estilo menos rebuscado do que sua predecessora, e afastando-se da herança preciosista das *conteuses* do século precedente. Ademais, ela simplifica a trama principal. Enquanto Mme de Villeneuve escreve para um público adulto mais de 170 páginas, ela encurta a trama em pouco mais de 20 páginas, mantendo suas

SOUSA. La Belle et la Bete, de mme Leprince de Beaumont, em três traduções brasileiras contemporâneas *Belas Infieis*, v. 4, n. 1, p. 9-19, 2015.

características principais, sem prescindir de seu objetivo maior: trata-se de ensinar valores e virtudes às meninas e moças. Vale lembrar que após a publicação da versão de Leprince de Beaumont, traduzida posteriormente em diversas línguas, inúmeras reescrituras⁷ e adaptações desse conto foram realizadas para o teatro e o cinema, além de outros projetos artísticos. Para ilustrar a diversidade desses trabalhos, destaco aqui projetos marcantes como a composição clássica de Maurice Ravel (1912), o filme de Jean Cocteau (1946) e o desenho animado da Disney (1991). Felizmente, o conto continua sendo publicado da maneira como foi escrito por Mme Leprince de Beaumont. No Brasil, é conhecido por “A Bela e a Fera”⁸, embora sua tradução mais recente, pela editora Poetisa em 2014, apresente uma ligeira modificação do título.

Interessa aqui examinar alguns aspectos de apresentação e de tradução desse conto, considerado um clássico da literatura infanto-juvenil, em três edições brasileiras contemporâneas, publicadas em respectivamente em 2007, 2010 e 2014. As duas primeiras são coletâneas de contos infanto-juvenis, ambas em charmosas edições de bolso com capa dura. A mais recente traz unicamente esse conto, em formato diferenciado.

Observando as capas como importantes elementos de análise paratextual, conforme entende Genette (2009)⁹, notamos edições muito distintas entre si. Na edição de 2007, do selo Princípio, a capa destaca o título do conto: *A Bela e a Fera e outros contos de fadas*. Em menor destaque, figuram os nomes de duas escritoras – Mme Leprince de Beaumont e Mme de Aulnoy – e o nome da tradutora, Renata Cordeiro. A ilustração da capa apresenta uma clareira na floresta, ladeada por um riacho, evocando um cenário típico de contos de fadas, uma vez que a floresta representa uma espécie de fronteira entre o mundo real e o mundo maravilhoso, assim como a água, elemento simbólico presente em muitos contos. Na edição de 2010, da editora Jorge Zahar, o título *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros* aparece ressaltado em letras brancas numa capa vermelha bastante ilustrada. Destaca-se o nome da escritora Ana Maria Machado, que apresenta a antologia. O nome da tradutora, Maria Luiza X. de A. Borges, aparece apenas na página de rosto. As figuras da capa, representando personagens de contos de fadas, pertencem a reconhecidos ilustradores do século 19, tais como Arthur Rackham, Gustave Doré, Edward Burne-Jones e Walter Crane. A edição de 2014, por sua vez, traz uma elegante e surpreendente combinação de cores: a capa escura contrasta com letras prateadas e brancas. O desenho da capa revela apenas parcialmente o que parece ser um castelo através da penumbra da floresta, antecipando a atmosfera de mistério que permeia todo o conto. Em evidência, o título *Bela e a Fera*, que na

tradução de Marie-Hélène Catherine Torres não apresenta artigo antecedendo o nome da protagonista. Fato inusitado, primeiramente porque a tradução de título já consagrado no sistema literário de recepção raramente sofre alteração e, em segundo lugar, porque é uma escolha da tradutora, como vemos mais adiante em nota explicativa. Tal fato diz muito sobre a valorização da visibilidade da tradutora através dos elementos paratextuais nesse projeto. Abaixo do nome da autora, constam os nomes da tradutora e do ilustrador Laurent Cardon. Numa das orelhas do livro, ainda há biografias da tradutora e do ilustrador. Por fim, chamam atenção a sobriedade da capa e o estilo das ilustrações, que falam mais às crianças maiores e jovens do que aos pequenos. Além disso, a percepção que se pode ter de certa obscuridade tanto na capa quanto nos desenhos vai ao encontro do que esclarece a nota editorial. Trata-se de ostensivamente alcançar uma estética próxima do estilo gótico, que alimenta uma leitura contemporânea (2014, p. 12).

As apresentações das obras estruturam-se diferentemente. Na primeira edição, constam elementos da biografia e obra das duas autoras traduzidas em breves oito páginas. Na segunda, a também escritora de livros infantis Ana Maria Machado redige em primeira pessoa suas próprias lembranças de infância, fortemente marcada pelos contos de fadas, para fazer em seguida um breve relato histórico da origem folclórica dos contos, e de sua importância como herança cultural da humanidade, que ela mesma lembra ter atuado para resgatar no Brasil. Sua assinatura nessa coletânea reforça ainda mais esse vínculo. Além disso, antecedendo cada conto, consta uma curta biografia do autor. Na terceira edição (2014, p. 8), Marie-Hélène Catherine Torres, tradutora e professora pesquisadora em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, explica a escolha do título diferente daquele que já estava consagrado no mercado brasileiro:

Pensei em traduzir por *Bela e o Bicho* para manter cadência e sonoridade. Ou ainda por *Linda e o Bicho* (...) a mudança acarretaria perder a referência a algo (re)conhecido pelo leitor. Todavia, tirei o substantivo e A Bela metamorfoseou-se em Bela.

A tradutora transforma então o apelido em nome próprio, digno da protagonista, sem, no entanto, distanciar-se demais daquele que está consolidado no sistema literário brasileiro.

As imagens, por sua vez, também são trabalhadas distintamente nas obras. Na edição de 2007, o trabalho de ilustração é simples: um quadro, no qual se observa a figura de uma fada, marca início e fim de cada conto. Embora esteja assinado, não é possível identificar o autor. Na segunda obra, mais elaborada, a quarta capa já avisa ao leitor que se trata de uma

obra rica em ilustrações famosas – são noventa – como as do ilustrador inglês Walter Crane, especialista em ilustração de livros infantis no século 19. Crane desenhou cenas exclusivas para uma tradução inglesa do conto em 1874, que ficaram conhecidas mundialmente. Na edição brasileira de 2014, o francês Laurent Cardon, experiente ilustrador de livros infantis, prefere distanciar-se de algumas imagens já consagradas – notadamente aquelas do filme de Jean Cocteau e do desenho da Disney. Como ele mesmo esclarece em uma nota no próprio livro, sua inspiração vem da estética de Gustave Doré. Para ele, o uso do preto e branco representa “o sentido e a profundidade do conto (...) evoca o mistério por seus contrastes, por sua manipulação do olhar pelas linhas de luz e sombra e por sua dramaticidade” (2014, p. 11).

O enredo mantém-se em todas as traduções tal como na versão francesa: Bela é o nome da filha mais nova de um comerciante. Em uma viagem, este encontra fortuitamente o palácio da Fera, que é, na verdade, um príncipe aprisionado nessa figura monstruosa. Por ter colhido rosas no jardim do palácio, o homem é condenado à morte pela Fera. Para salvar seu pai, Bela oferece-se em sacrifício e segue reclusa no palácio. Em vez de matá-la, a Fera passa a cortejar a jovem. Bela deverá aprender novos valores e provar suas virtudes para enfim casar-se com seu alçoz e tornar possível sua antiga forma humana. Uma importante modificação acontece no conto de Leprince de Beaumont: a autora substituiu a carga sugestiva de erotização do conto de 1740 para um modelo inocente, mais adequado ao seu público, e fundamentado na moral cristã. Enquanto no conto de Mme de Villeneuve, a Fera pergunta todas as noites se pode dormir com Bela, na versão de Leprince de Beaumont, a Fera pede-lhe em casamento. Após reconhecer na Fera um íntimo de bondade e nobreza, Bela aceita a união e assim quebra o encanto que prendia o príncipe àquela figura repugnante. Príncipe e princesa vivem felizes por longo tempo.

Na versão francesa, após narrar o conto, Mlle Bonne comenta com suas pupilas sobre o casamento da Bela e a Fera, como se proferisse uma espécie de conclusão moral, próxima do formato de final das fábulas: “Nós nos acostumamos à feiura, mas jamais à maldade. É preciso ser boa a ponto de esquecer nosso semblante para lembrar-se de nosso coração. Notem também, minhas crianças, que sempre há recompensa quando se cumpre com seu dever”¹⁰ (LEPRINCE DE BEAUMONT, 1859, p. 49). As edições analisadas não fazem menção ao formato da obra francesa, nem traduzem os diálogos entre narradora e pupilas, apenas apresentam as traduções do conto, ainda que apareçam nelas marcas da governanta-narradora, desconhecida do público brasileiro, como na passagem a seguir:

SOUSA. La Belle et la Bete, de mme Leprince de Beaumont, em três traduções brasileiras contemporâneas *Belas Infieis*, v. 4, n. 1, p. 9-19, 2015.

La Belle, car je vous ai dit que c'était le nom de la plus jeune, la Belle, dis-je (...)
A Bela (pois eu lhes disse que esse era o nome da mais nova), a Bela – digo – (...) (2007, p.22)
Bela (pois já lhes disse que esse era o nome da mais nova), Bela, como eu ia dizendo (...) (2010, p.98)
Bela (pois já lhe falei que esse era o nome da mais nova), Bela, como estava dizendo (...) (2014, p.18)

Ao se utilizar do recurso do *récit-cadre* ou quadro narrativo no qual está inserida a segunda narrativa, Leprince de Beaumont remete à imagem da contadora de estórias (nesse caso, Mlle Bonne) e à oralidade, que está relacionada às origens folclóricas do conto. Ela é evocada novamente na passagem mencionada acima. Somente a tradutora da edição de 2014 justifica sua escolha nessa passagem e esclarece a referência à Mlle Bonne como forma de manter o “tom oral” do conto.

14

O formato apresentado em 1757, portanto, corresponde ao projeto pedagógico empreendido pela autora, ancorado no contexto social e cultural de sua época que parece, de certo modo, suplantado pela força simbólica do conto em si, o qual encontra ainda lugar na literatura contemporânea. É na própria construção narrativa do conto que a autora pulveriza as lições sobre moral que marcam toda a obra. No conto acontecem pelo menos três transformações: a das irmãs invejosas, que castigadas pelo mau exemplo, viram estátuas; a metamorfose física da Fera em príncipe e também a evolução moral de Bela, que de início rejeita o feio e aos poucos aprende a amá-lo pelo caráter, e enfim torna-se princesa. Essa transformação de Bela constitui a espinha dorsal do conto, ela ocorre em diversos níveis do texto, e é acompanhada pelo leitor através da narração dos fatos, dos próprios diálogos entre os protagonistas do conto, das reflexões de Bela em relação aos fatos e no discurso final da fada. As traduções mantêm em todas as passagens a ênfase moralizante do conto.

Na análise de alguns termos, percebe-se que houve uma alteração importante de sentido, quando ocorre a tradução dos termos *frères* e *enfants* em certas passagens das edições de 2007 e de 2010. Semanticamente, como aparecem no texto francês, não apresentam ambiguidade de sentido ou uso específico da época em que são utilizados. Referem-se, respectivamente, aos irmãos (de Bela) e aos filhos (do comerciante).

Na primeira edição, a tradução de *frères* por “irmãs” tem como efeito uma troca nas identidades dos três filhos pelas das irmãs de Bela. Ocorre na passagem em que ela se oferece em sacrifício para salvar o pai da morte. Além disso, na sequência, a expressão que faz referências a todos os filhos (no sentido neutro do termo) “*enfants*” é traduzida por “filhas”, como se vê nos trechos a seguir.

Non, ma sœur, lui dirent ses trois frères, vous ne mourrez pas : nous irons trouver ce monstre, nous périrons sous ses coups si nous ne pouvons le tuer. – Ne l’espérez pas, mes enfants ! leur dit le marchand. La puissance de la Bête est si grande qu’il ne me reste aucune espérance de la faire périr. Je suis charmé du bon cœur de la Belle, mais je ne veux pas l’exposer à la mort. Je suis vieux, il ne me reste que peu de temps à vivre; ainsi je ne perdrai que quelques années de vie que je ne regrette qu’à cause de vous, mes chers enfants.

Não, nossa irmã – disseram-lhe as suas irmãs – você não morrerá. Iremos encontrar esse monstro, e morreremos sob os seus golpes, se não o conseguirmos matar. Não esperem por isso, minhas filhas – disse-lhes o mercador – A força dessa Fera é tão grande que não me resta esperança alguma (...). Assim sendo, não perderei senão alguns anos de vida, que só lamento por causa de vocês, minhas queridas filhas (2007, p.29).

15

Os irmãos de Bela são aqui completamente apagados e com eles a verdadeira compaixão pela situação da menina.

Na segunda edição, o termo *filis*, que corresponde a “filhos” é traduzido por “filhas” (que em francês corresponde a *filles*). A alteração ocorre na passagem em que a família parte para viver no campo, único bem que lhe restou. Os três rapazes ajudam o pai nos trabalhos do campo.

Quand ils furent arrivés à leur maison de campagne, le marchand et ses trois fils s’occupèrent à labourer la terre.

Já instalados em sua casa no campo, o negociante e as três filhas se ocuparam lavrando a terra (2010, p. 99).

Assim, os termos empregados em português modificam completamente o entendimento dessas passagens e dificultam o entendimento por parte do público infanto-juvenil. No conto francês, os personagens dos rapazes, filhos do negociante, são figuras quase apagadas. Falta-lhes descrição física marcante, ao contrário do que acontece com as filhas, que ganham descrição de atributos físicos, trajés, caráter e comportamento. Apenas se sabe

que os três filhos ajudam o pai a lavrar a terra e se oferecem para combater a Fera no momento em que Bela decide partir. Eles aparecem na ação, porém breve o bastante para que não tenham muita importância na trama. Ora, com as alterações nas traduções aqui mencionadas, as figuras dos irmãos de Bela tornam-se ainda mais apagadas na narrativa. Na primeira edição, resta ao leitor atento e esclarecido concordar de que se trata simplesmente de um descuido, por achar inconsistente com o caráter das irmãs de Bela, já sabidamente invejosas e incapazes de sentir compaixão pela caçula. Ou resta a interpretação de que seria um fingimento delas, já que há outras descrições posteriores ao trecho em que esse comportamento aparece. No segundo caso, o sentido torna-se contrário ao da versão francesa, pois a divisão dos trabalhos é bem definida: homens se ocupam do campo, mulheres trabalham dentro de casa. Da maneira como as referências aos filhos ocorrem nos dois textos traduzidos, esses personagens perdem ainda mais seu espaço na trama. A figura feminina, representada por Bela e suas irmãs, fica ainda mais marcada, de maneira antagônica, enfatizando ações de vícios e virtudes do caráter feminino e suas consequências.

16

Outro desafio das traduções revela-se quando se trata do aspecto de arcaísmo do texto francês do século 18, cujas marcas linguísticas passam por construções verbais e sintáticas, léxico, expressões, pronomes e formas de tratamento, além de referências históricas. No caso do texto aqui analisado, estas últimas não estão presentes, além de tempo e espaço não estarem marcados, como é esperado do gênero conto de fadas. Uma das marcas de arcaísmo que analiso aqui é o uso dos pronomes em francês *tu/vous* presentes nos diálogos, que atua como regulador linguístico da distância interpessoal entre interlocutores¹¹ e, neste caso, marca a relação entre aqueles que possuem títulos de nobreza e aqueles que não os possuem, ou seja, entre a Fera e os demais personagens, ou a relação entre os membros da mesma família, Bela, seus irmãos e o pai. Como não há correspondência com o sistema pronominal brasileiro contemporâneo, restam duas estratégias tradutórias: manter o tom arcaico – pela escolha de *tu/vós* e formas de tratamento correspondentes – ou favorecer o uso contemporâneo, com pronomes e formas como “você”, “senhor”, “senhora”, entre outros. Além disso, essas escolhas também podem mudar ou não essas relações. Na primeira edição, a escolha é pelo sistema pronominal atual. Quanto à relação entre os personagens, observa-se que o pai de Bela trata a Fera com deferência (“o senhor”), atitude que Bela imita ao ter o primeiro encontro com a Fera. Nesse momento, o monstro permite que ela se sinta à vontade no castelo, de maneira que passam a dialogar amigavelmente. Essa evolução na relação é acompanhada pelo uso de “você” entre eles. Na segunda edição, o uso dos pronomes e formas

SOUSA. La Belle et la Bete, de mme Leprince de Beaumont, em três traduções brasileiras contemporâneas *Belas Infieis*, v. 4, n. 1, p. 9-19, 2015.

de tratamento é heterogêneo. Há ocorrências que remetem a segunda pessoa do plural, seja na flexão dos pronomes (“vosso”, “vossa”, “vos”), seja nas flexões verbais correspondentes, como no imperativo afirmativo “Perdoai” (p. 103), no primeiro diálogo entre o negociante e a Fera, ou na mensagem dirigida a Bela “Aqui, sois a rainha e a senhora” (p. 108). A escolha dessas formas reforça ainda mais o tom arcaizante do texto. Porém, essa escolha não se mantém ao longo da tradução, pois nos diálogos seguintes o negociante passa a usar “o senhor”. Além disso, o distanciamento inicial de Bela em relação à Fera também é marcado pelo uso de “o senhor” (p. 109). Quando ela se declara à Fera, já ao final do conto, passa a usar a forma “você” (p. 116). Na segunda edição, portanto, o uso dos pronomes e formas de tratamento nos diálogos rege a distância interpessoal entre os personagens, indicando assim formalidade, distanciamento ou proximidade. Na terceira edição, a escolha é também pelo uso contemporâneo. Porém, constata-se que há uma predominância do uso de “você” entre todos os personagens, embora haja poucas ocorrências de “o senhor”. Dessa forma, o uso dos pronomes e formas de tratamento nem sempre reflete uma evolução na marcação da distância interpessoal entre eles. Por outro lado, torna a leitura descomplicada ao jovem leitor.

O léxico também é bastante utilizado para manter marcas de arcaísmo nas edições de 2007 e 2010, que ora utilizam construções comuns, ora escolhem outras menos contemporâneas como “gentis-homens”, e mais literais como “homem de espírito”. Na terceira edição, as escolhas lexicais contribuem, sobretudo, para manter a atmosfera (e estética) de conto de fadas, que pelo gênero em si, já carrega o tom anacrônico. A tradução é, de maneira geral, mais livre: os “gentis-homens” dão lugar aos “cavalheiros”, e no lugar de “homem de espírito”, encontramos “homens inteligentes”, por exemplo. Quanto ao estilo utilizado nas traduções, observa-se que há na primeira e na segunda edições descompasso entre o rebuscamento e a simplicidade pelo uso de certas expressões. Na primeira edição, por exemplo, há expressões muito próximas do universo infantil contemporâneo, como: “Tinha seis filhos, três meninos e três meninas” ou “nesse momento, a fada bateu com a varinha”. Porém são recorrentes palavras mais elaboradas quando um termo mais corriqueiro poderia constar, sem prejuízo para a coerência do texto em geral, como o uso de “vislumbrou” no trecho a seguir: “Voltou à grande sala onde havia ceado na véspera e vislumbrou uma pequena mesa onde havia chocolate.” Aqui, observa-se a tentativa de uso de um registro literário ou mais elaborado, que pela simplicidade da descrição, torna o estilo heterogêneo. Na segunda edição, as construções são mais elaboradas sintaticamente e o léxico acompanha esse registro de maneira mais homogênea no texto. Algumas escolhas destoam fortemente do texto

em geral como a expressão “lero-lero”. Este tipo de ocorrência, porém, é raro. Na terceira edição, há escolhas por expressões e termos pouco frequentes, que podem instigar a curiosidade dos leitores mais jovens como nos exemplos do uso de “vintém” e de “pelerine”. Porém, o texto flui com naturalidade e sem rebuscamentos desnecessários. Lembro, então, de que era esse o projeto inicial do texto francês: aproximar-se da linguagem simples do universo infanto-juvenil.

Nota-se que, de maneira geral, as estratégias de tradução tentam preservar um estilo literário que também seja adequado ao público escolhido. A dificuldade de se tratar de um conto de fadas do século 18 impõe uma busca pelo arcaísmo que esse gênero favorece, e o equilíbrio de uma linguagem adequada ao sistema literário brasileiro contemporâneo. Ao mesmo tempo demanda um sopro de modernidade que suscite interesse do público juvenil atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

18

CRANE, Walter. **Beauty and the Beast**. Londres: George Routledge and Sons, 1874.

D’AULNOY, Mme; LEPRINCE DE BEAUMONT, Mme. **A Bela e a Fera e outros contos de fadas**. Tradução de Renata Cordeiro. São Paulo: Princípio, 2007.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LATAPIE, Sophie. Un dispositif intégré. **Féeries**, Grenoble, n. 1, p. 125-144, 2004. Disponível em <http://feeries.revues.org/76>. Acesso em 03/05/2015.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru-SP: Edusc, 2007.

LEPRINCE DE BEAUMONT, Mme. **Bela e a Fera**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres. São Paulo: Poetisa, 2014.

LEPRINCE DE BEAUMONT, Mme. **Le Magasin des enfants par Mme Leprince de Beaumont**. Paris : Delarue, 1859. Disponível em <http://www.gallica.fr>. Acesso em 15/08/2013.

PERRAULT, C. *et al.* **Contos de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

¹ Currículo lattes de Aída Carla Rangel Sousa. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/2304084032460152>

² Há uma variação em torno do ano de publicação: 1756, 1757 e 1758 são citados em estudos diversos sobre a autora e a obra citada, sendo 1757 o mais frequente.

³ Nossa tradução: *Ouvrage périodique illustré ou recueil de vulgarisation traitant d'une grande variété de sujets*. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/generic/cherche.exe?47;s=417826425>;

⁴ A obra, na verdade, possui um título mais longo e antecipa o projeto pedagógico da escritora: *Magasin des enfants ou Dialogues d'une sage gouvernante avec ses élèves de la première distinction, dans lesquels on fait penser, parler, agir les jeunes gens suivant le génie, le tempérament et les inclinations d'un chacun... on y donne un abrégé de l'histoire sacrée, de la fable, de la géographie, etc., le tout rempli de réflexions utiles et de contes moraux*. (LATAPIE, 2004). Que traduzimos por: “Magazine das crianças ou diálogos de uma sábia governanta com seus alunos de primeira distinção, nos quais instiga os jovens pensar, falar, agir conforme a natureza, o temperamento e as inclinações da cada um... Oferecemos um resumo da história sagrada, da fábula, da geografia, etc., o todo repleto de reflexões úteis e de contos morais”.

⁵ Nossa tradução: “Magazine das adolescentes” e “Magazine dos pobres, artesãos, domésticos e camponeses”.

⁶ O conto apareceu pela primeira vez na coletânea intitulada *La jeune américaine et les contes marins*, La Haye, em 1740, de autoria de Mme de Villeneuve, em uma narrativa mais complexa e estendida.

⁷ Refiro-me aqui ao termo *rewriting* empregado por Lefevere (1992), o qual se encontra traduzido ora por reescrita, ora por reescritura na edição brasileira de 2007.

⁸ Em pesquisa na base de dados bibliográfica online Worldcat, constata-se que a obra mais antiga com o título “A Bela e a Fera” é de autoria de Clarice Lispector em 1979. Porém não se trata de uma tradução do conto de Leprince de Beaumont. A maior parte de livros publicados com o título “A Bela e a Fera” refere-se a adaptações do desenho da Disney, a partir dos anos 1990. Em Portugal, foi traduzido por “A Bela e o Monstro” em 1970. Disponível em https://www.worldcat.org/search?q=a+bela+e+a+fera&fq=dt%3Abks&dblist=638&fc=yr:_25&qt=show_more_yr%3A&cookie. Acessado em 15/04/2015.

⁹ São elementos do paratexto: “título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc., notas marginais, de rodapé, de fim de texto, epígrafes, ilustrações, errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios (...)” (GENETTE, 2009).

¹⁰ Nossa tradução : « *On s'accoutume à la laideur, mais jamais à la méchanceté. Il faut faire en sorte d'être si bonne, qu'on puisse oublier notre visage pour notre cœur. Remarquez aussi, mes enfants, qu'on est toujours récompensé quand on fait son devoir* » (LEPRINCE DE BEAUMONT, 1859, p.49).

¹¹ Para esta consideração do uso dos pronomes de tratamento como uma marca linguística de regulação da distância interpessoal, refiro-me ao trabalho sobre proxêmica verbal de M. A. Carreira (1997).

RECEBIDO EM: 07 de junho de 2015

ACEITO EM: 09 de julho de 2015